

## DIALOGOS INSTRUCTIVOS

## O BARRO

(Continuação)

— O que não percebo é como podem fazer por esse modo as azas das bilhas?

— As azas fazem-se em separado e applicam-se ás peças quando ainda estão húmidas. Todos os productos da olaria são primeiro secos ao ar, e depois cosidos no forno.

Algumas qualidades de barro podem supportar elevadas temperaturas, isto é, um calor muito forte, sem estalar ou rachar. Esse barro especial é applicado á fabricação de cadinhos para fundir os metaes; á fornos de esmaltadores; á fornalhas onde possa arder o carvão de pedra e de coque, etc.

— O sr. Antonio — observou o pequenito Abel, — os tijolos são sarabulhentos, ao passo que a loiça de barro é muito lisinha e brilhante: por que é isto?

— Porque o barro dos tijolos e das telhas emprega-se como se encontra na natureza, com pequena differença, em quanto que o usado pelos oleiros é primeiro escolhido com cuidado e depois misturado com areia fina. Esta areia, fundida ao fogo, torna-se em vidro, e liga-se ao barro, dando-lhe esse brilho que parece verniz.

O verniz que cobre a loiça fina, a faiança e a porcelana obtem-se de outro modo. Depois de estarem bem secos os objectos que se modelaram, mergulham-se n'um banho composto de uma materia que tem a natureza do vidro. Esta materia, depois de fundida ao lume, transforma-se n'um esmalte transparente e serve para cobrir as differentes peças de loiça. O resultado

obtido é o mesmo, mas por modos diversos. No fabrico da loiça vidrada ha só uma operação; na outra loiça mais fina são duas as operações: o trabalho de amassar convenientemente o



— Os pratos finos de tão lindas côres, e as chavenas...

barro, e o de cobri-lo com o tal vidro liquido.

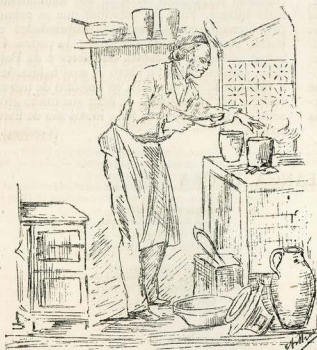
— O barro para os objectos de faiança de certo que não é o mesmo da loiça ordinaria? — perguntou a Emilinha.

— Não é, não, minha menina. O barro das bilhas e dos tachos não é igual na côr e encontra-se quasi por toda a parte; em quanto que o das faianças, além de menos abundante, é branco e fino. O barro de que se fazem as porcelanas é ainda muito mais raro. Chama-se-lhe *kaolin*, nome que lhe dão na China, e que todas as fabricas adoptaram. E com esse barro, muito fino, muito puro, e d'uma brancura admiravel, que se fabricam as loiças mais delicadas e os objectos de arte.

— Os pratos finos de tão lindas côres, e as chavenas tambem se fazem ao torno?

— Como os pratos finos redondos, podem tornar-se; agora os objectos que tem outras fórmãs modelam-se por differentes processos.

As chavenas fazem-se deixando correr para umas fórmãs de gesso o kaolin muito desfeito, quasi liquido, o qual, agarrando-se ás paredes das fórmãs, fica do mesmo feito d'ellas.



Esse barro especial é applicado á fabricação de cadinhos...

Aquella massa conserva-se nas fôrmas o tempo necessario.

Moldados ou torneados, os objectos, depois de seccos, são aperfeiçoados á mão, com auxilio de ferramentas proprias, e depois mettidos no forno, para receberem uma ligeira cosadura. Depois, são mergulhados no tal banho vitreo, e só

— As pinturas e o doirado tambem vão ao fogo? — perguntou a Emilinha.

— Tambem; com a differença que para o doirado basta uma cosadura, em quanto que as pinturas exigem, ás vezes, seis.

— Quando se começou a dar applicação ao barro? — perguntou o estudioso Abel, que estava



Os povos selvagens do centro da Africa e da Polynesia constroem com barro as suas habitações...

então os submettem á acção d'um fogo violento. Está o trabalho prompto.

A cosadura da porcelana é coisa mais delicada, exige outros cuidados. Antes de ir ao forno, cada peça é mettida n'uma caixa de barro cosido; mas, infelizmente, apesar d'esta precaução, a acção do fogo transtorna sempre a fôrma das peças. As vezes é necessario escolher em quinhentas chavenas uma duzia que seja perfeitamente igual. Eis a razão porque pedem preços enormes por alguns serviços de meza. O refugio da porcelana é extraordinario.

encantado com as explicações do tio Antonio.

— Ninguem sabe a data exacta. Tem-se encontrado fragmentos de loiça nos monumentos mais antigos. Tudo faz acreditar que os primeiros homens conheceram as propriedades do barro, assim como da madeira e da pedra. Os povos selvagens do centro da Africa e da Polynesia constroem com o barro as suas habitações; e tambem fazem com elle os objectos de uso caseiro, e até esculpturas, se bem que muito grosseiras. Alguns dos seus feios idólos são de barro cosido.

(Continúa).

## A UMA CREAÇA LOURA

Eu amo-te deveras  
Rosa que ora despontas  
E que em botão já contas  
Três lindas primaveras!

O teu riso bondoso  
E cheio de innocencia  
Tem essa transparencia  
D'um olhar luminoso.

Vive alegre! Em minh'alma  
Tens um logar dilecto  
D'immenso e puro affecto,  
Que em teu olhar se acalma.

Sorri, loura creança,  
Aos mimos d'alvorada,  
Sorri acalentada  
Por uma doce esp'rança...

A esperanza querida  
(Alegre como um sonho!)  
Do porvir mais risonho,  
Que podes ter na vida!

## UMA CREENÇA ENSINANDO UM ARCEBISPO

Passavam um dia de um lugar para outro: salteou-os uma chuva fria e importuna que os não largou na mór parte da jornada: e corria um vento agudo e desabrigado que os congelava: tinha-se adiantado o Arcebispo, segundo seu costume, que era caminhar quasi sempre só para se occupar com mais liberdade em suas contemplações: e ia fazendo materia de tudo quanto via no campo e na serra para louvar a Deus; offereceu-se-lhe á vista não longe do caminho, posto sobre um penedo alto descoberto ao vento e á chuva um menino pobre e bem mal reparado de roupa, que vigiava umas ovelhinhas que ao longe andavam pastando: notou o Arcebispo a estancia, o tempo, a idade, o vestido, a paciencia do pobresinho: e viu juntamente que ao pé do penedo se abria uma lapa que podia ser bastante abrigo para o tempo: movido de piedade parou e chamou-o e disse-lhe que descesse abaixo para a lapa e fugisse da chuva, pois não tinha roupa bastante para a esperar: Isso não, respondeu o pastorinho, que em deixando de estar alerta e com o olho aberto, vem logo o lobo e leva-me a ovelha, ou vem a raposa e mata-me o cordeiro.

— E que vai n'isso? disse o Arcebispo.  
— A mim me vai muito, tornou elle, que tenho pae em casa, que pelejará commigo, e tão bom dia, se não forem mais que brados: eu vigio o gado, elle me vigia a mim; mais val soffrer a chuva.

Não quiz o Arcebispo dar mais passo, esperou que chegassem os de sua companhia, contou-lhes o que passara com o menino e accrescentou:

— E este esfarrapadinho innocente ensina a Frei Bartholomeu a ser Arcebispo.

Este me avisa que não deixe de acudir e visitar minhas ovelhas, por mais tempestades que fulmine o ceu, que se este com tão pouco remedio para as passar, todavia não foge d'ellas, respeitando o mandado do pae mais que o seu descanço; que razão poderei eu dar, se por medo de adoecer ou padecer um pouco de frio, desamparar as ovelhas, cujo cuidado e vigia Christo fiou de mim, quando me fez pastor d'ellas?

FREI LUIZ DE SOUSA, na *Vida do Arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martires.* —  
L. I, C. XIV.

## VERSOS AO JULIO

### O SINEIRO

Um sineiro folgasão  
Da torre subiu ao cume  
P'ra tocar no carrilhão  
As *modinhas* do costume.

Acesso em furor maldito  
A corda aos badalos puxa;  
Ora toca o pirolito,  
Ora a Maria Cachucha.

Faz andar todos os sinos  
Em desesp'rados baloiços  
Trinando em sons argentinicos  
O fadinho de Pedroços.

Nem um minuto descança,  
De badalar não se farta,  
Lá salta p'ra a contradança,  
Lá toca o hymno da Carta!...

Uma triste idéa occorre  
Ao sineiro de má raça:  
Cuspír da fresta da torre  
Sobre o chapéu de quem passa!

Sem ter quem lhe mova empacho,  
Pois ninguem póde alcançal-o,  
Começa a cuspír p'ra baixo  
Em quanto puxa o badalo.

Solta estridulas risadas  
E sente um prazer immenso,  
Cuspindo as velhas, coitadas,  
Que vão de capote e lenço!

Não passa um pobre janota  
Pelo passeio de asphalto  
Sem que o sineiro em risota  
Lhe cuspa no chapéu alto!

E não ha ninguem que veja  
O auctor da graça estulta,  
Pois que na torre da igreja  
Facilmente elle se occulta.

Mas em quanto se distrahe  
Co'a brincadeira travessa,  
De cima um badalo cahe,  
Dá-lhe em cheio na cabeça!

Tal peso tinha o badalo  
E cahiu com força tanta,  
Que o sineiro tem um *galo*  
Que lhe dóe, mas não lhe canta...

.....  
Quem de si muito alardeia,  
Do sineiro se aproxima:  
— Por mais alto que se creia,  
Sempre alguém terá por cima...

## O BARBEIRO DE ALDEIA

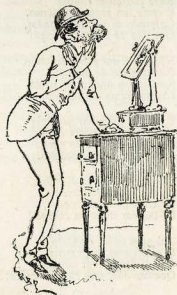
DESENHOS DE R. BORDALLO PINHEIRO



Um elegante do Chiado foi passar alguns dias n'uma quinta que seu pae possuia na aldeia. Habitudo como estava ao movimento da cidade, aborrecia-se com a quietação do campo; sem embargo, vestia-se sempre com o maior apuro, como se estivesse na côrte.



Breve se lhe deparou, dependurado da hombreira d'uma porta, um enorme dente, e, mais acima, uma bacia de estanho.



Depois de preparado com esmero, reparou que tinha a barba muito crescida, e como não queria faltar aos preceitos do bom tom, sahio da quinta e foi ao logarejo procurar um barbeiro.



— Ora viva lá, mestre — disse elle entrando na loja não muito limpa do unico barbeiro da terra, que era tambem sangrador e dentista.

— Deus o salve, meu senhor — respondeu o artista. — V. Ex.<sup>a</sup> precisa que o sangue, ou que lhe tire algum dente?



— Muito melhor! — respondeu o barbeiro sem entender — é da Fonte Nova.



— Preciso apenas que me faça a barba. O artista fez uma careta, como se pretendesse dizer: «Das tres operações que sei executar é essa a mais difficil.»

— Bom, bom: vamos lá a isto — volveu o lisboeta, perdido de riso e sentando-se na enxada cadeira de pau.



— Estou ás suas ordens, meu senhor — respondeu, não obstante, o barbeiro.

- A navalha é boa?
- Ora essa! é capaz de cortar ossos.
- Lá isso mais devagar.
- Isto é modo de dizer.

O barbeiro pôz a toalha ao freguez,



— Vossemecê tem agua de Lubin? — perguntou o elegante, gracejando.

afiou a navalha no cano d'uma bota, e começou a difficil operação.

(Continúa).

## HISTORIA DE VALDEMAR DAAE E DE SUAS FILHAS

CONTO DE ANDERSEN

Desdobra o vento as suas azas sobre o prado, e a herva agita-se, estremece, ondula como a plumagem branda: passa o vento sobre os trigas, e as espigas curvam-se e chocando-se produzem sussurros largos como os do mar; são estas as caricias do vento. Mas para o conhecer bem é preciso ouvir o contar uma historia! Nas janellas, nas fendas dos telhados, nos panos de chaminé usa de variados recitativos, nenhum porém se compara aos contos vagos, estranhos, animados, magicos, que elle conta nas arvores da floresta.

Não vêdes impellido nas nuvens como o pastor com o seu rebanho de ovelhas? Não o ouvis assobiando pela porta mal cerrada, rasgado e decidido como o som da corneta da malaposta? E os sussurros irados, os brados abafados e phantasticos com que redemoinha na chaminé?

Estalam os ramos no lar; o clarão rubro das chammas projecta-se obliquo e movediço na sala. Agora, aqui junto do lar, escutae, attendei, ouvi a voz do vento.

Elle, só, sabe mais historias e aventuras que nós todos juntos.

Escutae, lá começa a contar.

Dsz, dz, hu, hu, vôa, vôa! é o estribilho da sua canção.

Para o lado do Grande-Belt ha uma casa velha rodeada de paredes vermelhas; conheço aquellas pedras todas, ha muito; faziam parte do antigo castello de Marsk-Stig, no pontal da ilha.

Empregaram-nas depois n'outras paredes, n'uma casa nova, a casa de Borreby, que está ainda erguida.

Vi e conheci muito bem os senhores e damas nobres que successivamente ahi residiram. Hoje, só contarei uma historia, a historia de Valdemar Daae.

Era um fidalgo que podia andar de cabeça levantada; parente de el-rei e muito sabedor e curioso, não era d'esses que passam o tempo a vasar copos e a correr atraz dos veados.

— Hei de conseguir o meu fim, murmurava elle muitas vezes, com modo mysterioso.

Era um gosto vêr a esposa, formosa e mi fidalga, com o seu vestido de velludo e corpete de brocado de ouro, andando cheia de magestade e de benevolencia por aquellos opulentos salões; salões torrados de custosas tapeçarias, ornados de pinturas, povoados de moveis de talha, de embutidos, moveis de fabulosos preços. Sobre os aparadores resplandeciam as baixellas de ouro e prata. A frásqueira estava repleta de vinhos de França, de cervejas de Allemanha. Cavallos da mais fina raça, pretos como o ebano, relinchavam na vasta estrebaria, tão acieada como as cozinhas hollandezas. Emfim, nada mais opulento e fidalgo do que a casa de Berreby.

Havia lá também tres meninas, tres bellezas

delicadissimas; eu tenho boa memoria, ainda me recordo dos nomes, chamavam-se: Ida, Joanna e Anna Dorothea.

Tres donzellas, lindas como os amores! Dsz, dz, vôa, vôa! ajuntou o vento.

Não via eu n'aquella casa, como nas outras casas antigas, a nobre dona rodeada de suas filhas e criadas junto das rodas, dos fusos e dos teares, fiando e tendendo. A esposa de Valdemar Daae tocava harpa e cantava, não as velhas canções da Dinamarca, mas umas cantigas escriptas em linguagem estrangeira.

As festas, as recepções não cessavam. As vezes vinham hospedes de muito longe até. Nos salões do palacio acastellado reboavam ora os brindes, ora as canções, ora as musicas das danças; só a custo, nas noites de vendaval desfeito, a minha voz conseguia ser alli escutada. O orgulho, o luxo, a ostentação deixavam penetrar ainda menos o pensamento de Deus!

Era n'uma tarde de maio; voltava eu do occidente, acabava de vêr os naufragios na costa da Islandia. Atravessei as gandaras e as florestas da Fionia, e redemoinhei, assobiando e bramindo, pelo Grande-Belt. Fui descancar na costa da Seelandia, então ainda nas florestas se encontrava grande numero de carvalhos gigantes.

Os rapazes alli do sitio apanhavam ramos secco: chegando á cidade armaram uma fogueira e em roda da fogueira cantavam e dançavam com as raparigas.

Sem ninguem dar por isso, comeci a soprar um dos ramos, o ramo do melhor rapaz da cidade, e em breve o ramo incendiado deitou chammas muito maiores que as dos outros ramos. Assim o rapaz que tinha lançado á fogueira aquelle ramo foi proclamado o rei da festa; chamaram-lhe o gallo da aldêa; deram-lhe o privilegio de escolher o seu par, sem observação, nem recusa. As moças riam, os rapazes saltavam e davam palmas. Todos estavam alegres, d'esta alegria boa e sincera. Provavelmente, n'aquella mesma hora, no esplendido e opulento palacio de Borreby estavam todos hirtos, ceremoniosos, falsos, aborrecidos.

Uma carruagem dourada, puxada a tres parrelhas, levava a nobre castellã e as tres filhas; tres flôres mimosas e encantadoras; a rosa, o lyrio, o pallido jacinto. A mãe no meio d'ellas era a tulipa de diversas garridas côres. Passando pelos grupos animados, pelas danças dos campionos, nem se dignou corresponder aos humildes cumprimentos. Parecia receiar que se quebrasse a sua haste.

De quem serão um dia a rosa, o lyrio, o pallido jacinto? pensei eu nos meus assobios; quem terá a suprema felicidade de lhes chamar suas eternas companheiras? Oh! serão por certo uns

gallos de vasta envergadura, altivos e heroicos cavalleiros, quem sabe? príncipes, talvez!

Dzt, vòa, vòa!

Desappareceu a carruagem, os camponezes recommearam as danças. Festejavam a chegada do verão, o tempo da alegria, da felicidade.

E n'essa noite, quando comecei a soprar mais rijo, a grande fidalga deitava-se para nunca mais se levantar. A morte surpreendeu-a inesperadamente, como tantas vezes acontece.

Valdemar Daae estava junto d'ella, n'um sombrio silencio. Parecia um carvalho altivo incapaz de se curvar. As filhas choravam, soluçavam; o palacio todo se encherá de gemidos; a alma da senhora Daae levantou o vôo. N'essa noite ouviu-se no palacio acastellado o meu bramido rouco.

Dsz, dzt, vòa, vòa!

Voltei, tempos depois, passando pela Fionia, pelo Grande-Belt; voltei a descançar nas praias de Borreby, na grande matta de carvalhos.

Havia lá muitos ninhos; ninhos das aguias maritimas, dos pombos bravos, dos corvos; até das cegonhas. Era primavera, umas aves aqueciam os ovos; outras cuidavam já dos pequeninos. E de subito, quasi ao mesmo tempo, voaram todas nos ares, em turbilhão, gritando muito. Os machados dos lenhadores estrugiam na floresta. Derrubavam as grandes arvores, aquellos grandes carvalhos a quem eu gostava tanto de contar as minhas historias. Valdemar Daae projectava a construcção d'um grande navio, uma nau de tres cobertas, que, certamente, o rei havia de desejar para a sua armada. E por isto cahiam aquellas grandes arvores, balisas dos navegantes, e palacios das aves.

A meio da floresta, ao pé dos trabalhadores, estava Valdemar com as tres filhas, rindo em gargalhadas do voar louco, dos gritos de angustia das aves. Só Anna Dorothea, a mais nova das tres, pediu para que se poupasse uma arvore esguia e tortuosa em cujo cimo uma cegonha armára o ninho. Vendo, no meio do grande borbórinho, como a cegonha volteava afflicta em volta do ninho, e como os filhos, ainda sem pennas, espreditavam sobresaltados, condeu-se a menina e viu satisfeito o seu pedido. Não era grande o sacrificio.

Derrubavam, serravam, aplainavam; não estava já longe o terminar da nau de tres cobertas. O constructor era um rapaz de humilde familia, mas de elevada intelligencia; a frente, os olhos traduziam as brilhantes facultades, e muitas vezes Valdemar e sua filha Ida paravam gostosos ouvindo-o fallar. Assim ao mesmo tempo que o moço constructor fazia o navio para o senhor de Borreby, ia architectando tambem maravilhosos castellos no ar, castellos de que elle se sonhava já senhor, ao lado da gentil Ida, sua sonhada esposa. E com effeito não haveria duvida para o casamento, se taes castellos fossem de pedra, cercados de muralhas, fossos e pontes levadiças, e rodeados de parques e vastas campinas. Mas com todo o seu elevado talento o nosso engenheiro não era magico, e não deve

nunca o pardal metter-se em danças com aguias e groues.

Hu! hu! dzd, dzt! vòa, vòa! O pobre rapaz viu baquear os castellos maravilhosos da esperança e da phantasia, e vôou tambem. Era o unico partido a tomar.

(Continúa).

GABRIEL PEREIRA.

## JOGOS DE PRENDAS

### O TECIDO E O TECELÃO

Este jogo é muito divertido. Um dos que jogam é o tecelão, e o outro o comprador; os mais são metros de panno.

Collocam-se todos em linha de mãos dadas, e alargando os braços quanto possivel, ao que se chama o *panno desdobrado*.

O *tecelão*, que está a um extremo da fila, recebe o *comprador* que vem ajustar o panno, fazendo varias observações sobre as qualidades da fazenda, dizendo, por exemplo: «*Este panno está fraco, e não tardará que se rompa.*» «*Este é muito aspero.*» «*Este está amarrelento.*» «*Aqui está um que é brando demais.*» E outras diversas cousas de que se lembra, sem que, todavia, o gracejo degenerem em satyra.

Conta os metros que tem a peça de panno, e concordando no preço que lhe exige o tecelão por cada metro, que costuma ser cantar uma *arieta*, recitar um trecho de poesia ou prosa, dançar, ou qualquer outra cousa, consoante aos talentos do comprador, diz este que vai chamar uns moços de fretes para lhe levarem a compra para casa e retira-se.

Apenas o comprador volta costas, largam todos as mãos, e os metros de panno collocam-se uns atraz dos outros, segurando-se pela cintura, com o tecelão na frente.

Volta o comprador, e diz ao tecelão que alli veem já os moços para levarem o panno. Aonde está? pergunta elle. «Ahi o tem, responde o tecelão, indicando a fila que o segue.» Não pôde ser, replica o comprador; o panno que eu escolhi e comprei era muito mais comprido e mais largo.» «Parece-lhe isso? redargue o tecelão, porque está agora dobrado: desdobre-o, e verá logo como elle augmenta.»

No mesmo instante o comprador agarra o tecelão, por ambos os braços, empregando toda a sua força para o separar dos mais, ou pelo menos quebrar a peça de panno.

Com os esforços do comprador e dos metros de panno anima-se o jogo, e os jogadores vão simultaneamente de um para outro lado, descrevendo ondulações e semi-circulos muito divertidos.

Quando por força, ou por destreza, o comprador consegue desprender algum dos metros, exige-lhe uma prenda, e põe-no fóra do jogo, continuando em seguida no seu empenho.

Algumas vezes acontece que o riso, fazendo diminuir as forcas, dê logar a toda a peça se desordenar. Então todos debandam, e cada qual pega uma prenda.

Torna a começar-se o jogo, tirando-se á sorte novo *tecelão* e *comprador*.

(Dos Recreos Collegias)

## ALEGRIAS

N'uma reunião de amigos, um d'elles disse de repente:

— E' verdade, sabem quem morreu?

— Quem? — perguntaram todos.

— Ninguém; o que eu quiz foi ouvir esses

*quens* (cães).

Só a muita amizade pôde permitir estes gracejos.

Uma actriz ainda joven representando em Londres, na tragedia de *Ricardo III*, a parte de lady Anna, ao pronunciar a phrase: «Ah! quando poderei ter algum descanço?

— Nunca, em quanto me não pagardes trinta schellings que me deveis, — disse um dos seus crédores, que assistia á representação.

*A manã* — Para que é que Deus concedeu falla aos meninos?

*Nini* — Para elles poderem dizer «Basta» quando levam açoites, e «Mais» quando lhe dão bolos.

— Ó Domingos, vae ao quintal e vê no relógio de sol quantas horas são — dizia ao seu criado um bebedor estremunhado, acordando d'um sono de 14 horas.

— Não se vê nada, patrão; é noite e está escura como breu.

— Forte burro! então não pôdes levar a candie!

Um invejoso dizia a um seu conhecido:

— Este mundo é insupportavel! E' tudo hypocrisia, inveja, vaidade! A minha vontade era fêch-me no meu quarto para não vêr nenhum d'esses miseraveis!

— Pois sim — aconselhou o outro — mas, se o fizeres, á cautela, quebra sempre o espelho.

O moço estouvado d'um capitão de navios estava um dia junto á amurada a limpar um bule quando, de repente, o deixa cair ao mar. Correu logo ao beliche do capitão e disse-lhe:

— Commandante, pôde dizer-se que uma coisa está perdida, quando se sabe o sitio onde ella pára?

— De certo que não.

— Então o seu bule de prata não se perdeu: está no fundo do mar.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

37, Trovador. — 38, Obcecação.

39,

A  
G  
R  
HILARIO  
D  
E  
C  
I  
D  
A

40, Chalupa. — 41, Avenida. — 42, Ricardo. — 43, Serra. — 44, Lagoa.

— 45, Duro com duro não faz bom muro.

## HORAS ENTRETIDAS

46 — ENIGMA

Quer tu leias o meu todo  
De diante para traz,  
Ou de traz para diante,  
A mesma cousa acharás.

Quatro letras são vogaes  
E uma só consoante,  
Que hem pôde desgostar,  
Qualquer que seja estudante.

A coisa não é difficil  
Pôdes leitor lá chegar,  
Mas é alta, elevada,  
Não tens azas p'ra voar.

Vizeu

BÉBE.

47 — PALAVRAS EM TRIO

(DISTRIBUIÇÃO A CUNHA & C.<sup>a</sup>)

Não é da Europa  
Precisa do fogo  
Villa portugueza.

Beja

TRAQUINAS.

48 — CHARADA

(Á MIMOSA CHARADISTA HERMINIA)

Prostrada em leito humilde, e a soffrer,  
uma dôr pertinaz a mãe consome;  
o filho desde a vesp'ra sem comer,  
diz a chorar — Ó mãe, eu tenho fome! — 2

«Meu filho, diz, em lagrimas banhada,  
a mãe, n'um doloroso soluçar,  
morres de fome, e eu tão desgraçada,  
não tenho o que desejas, p'ra te dar. — 1

«Teu pae, aquelle bom trabalhador,  
que a custo ia auferir o seu jornal,  
da vida foi chamado p'lo Sênhor,  
e a nós. . . só nos ficou o hospital.

Lisboa

NINGUÉM.

49 — CHARADA NOVISSIMA

Este amuleto na musica é órgão — 2 — 1

Lisboa

CHICO & C.<sup>a</sup>

50 — CHARADA NOVISSIMA

Na Theologia S. Antonio tem este nome — 2 — 3

Vizeu

BÉBE.

51 — CHARADA NOVISSIMA

Na redoma este animal dança — 1 — 2

Vizeu

FRAVESCO & C.<sup>a</sup>

52 — CHARADA NOVISSIMA

Na estrada, no jogo e no *Jornal da Infancia* — 1 — 2

Lisboa

NINGUÉM.

53 — PERGUNTA INOCENTE

Qual é a cidade que acaba divertida?

Monchique

CUNHA & C.<sup>a</sup>

54 — EMBRULHADA LEXICOLOGICA

Com uma vogal — uma arma — a terceira pessoa d'um verbo — um artigo — um circulo de metal — um numero secundario — uma particula indicativa — uma parte do corpo humano — uma preposição — um pronome relativo — a segunda pessoa d'um verbo — a variação d'um pronome — e um verbo activo: formar um proverbio conhecido, advertindo que as tres ultimas palavras constituem uma só,

Vizeu

O PEQUENO ANTONINHO.